

A ETNOMETODOLOGIA NA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO - caminhos para uma síntese

Profa. Dra. Cléia Maria da Luz Rivero

Por muito tempo acreditou-se que os fenômenos educacionais poderiam ser explicados através da pesquisa analítica, de cunho quantitativo, embora hoje se perceba que estes resultados não conseguem extrair uma compreensão maior da prática social, tendo em vista as inúmeras características a serem desveladas em cada fenômeno que depende, inclusive, do momento e lugar no qual ocorre.¹

Um dos desafios da pesquisa educacional é, portanto, captar o dinamismo dessa realidade, desvencilhando a complexidade de seu objeto de estudo em sua realidade histórica. O fluxo linear da pesquisa já não responde à percepção do pesquisador atual, pois o que ocorre em educação, quase sempre, é a múltipla ação das variáveis do fenômeno, agindo e interagindo ao mesmo tempo.

Os fenômenos humanos e sociais por sua complexidade, distanciam-se das características dos fenômenos físicos e biológicos, o que justifica a busca de uma maior e mais ampla flexibilidade metodológica.

Acreditava-se também na perfeita separação entre o sujeito da pesquisa, o pesquisador e seu objeto de estudo e, ainda, na necessidade de o pesquisador manter-se o mais afastado possível desse objeto, para que seus valores e preferências não influenciassem o ato de conhecer.²

Em educação, assim como em todos os campos das ciências sociais, compreende-se que não é bem assim que o conhecimento se processa. Ele necessita da interrogação do pesquisador, o acumulado da teoria que conhece a respeito do assunto, interagindo como suporte na construção do conhecimento sobre o objeto de estudo, em sua realidade histórica.

Na pesquisa educacional, quase sempre é a múltipla ação das variáveis do fenômeno, agindo e interagindo ao mesmo tempo, que faz com que o pesquisador possa retirar de suas análises, conclusões ou caminhos alternativos capazes de apontar novas propostas para compreender, inovar, definir ou esclarecer determinadas situações.

Entre as abordagens que surgem para se sobrepor à pesquisa positivista, estão metodologias diferentes, na tentativa de superar limitações até então sentidas na pesquisa em educação, principalmente, quando se parte para a análise do conhecimento escolar ou qualquer outro alvo, no qual o pesquisador deve colocar-se necessariamente no meio da cena investigada.³

¹A pesquisa quantitativa tipicamente emprega delineamentos experimentais ou correlatos para reduzir erros, vieses e outros ruídos que impedem a clara concepção dos fatos sociais, enquanto o protótipo do estudo qualitativo é a etnografia [...] O pesquisador quantitativo é desprendido para evitar viés, enquanto o pesquisador qualitativo fica imerso no fenômeno de interesse. (Firestone, 1987, p. 16-17).

²ANDRÉ, Marli E.D.A. Etnografia da prática escolar, Campinas: Papirus, 1995.

³ANDRÉ, Marli E.D.A. A abordagem etnográfica: uma nova perspectiva na avaliação educacional. *Tecnologia Educacional*, ABT, n° 24, set/out. 1978.

Enfoques qualitativos da pesquisa

A pesquisa qualitativa se caracteriza pelos enfoques definidos como pesquisa participativa, a pesquisa ação, a pesquisa etnográfica, o estudo de caso, embora já exista disponível alguma literatura, não temos conhecimento de uma obra que reúna informações técnicas a respeito de princípios capazes de permitir que tais metodologias, possam apresentar-se com uma identidade bem mais definida e não apenas como um enfoque dentro da pesquisa denominada qualitativa.

Por essa razão, neste trabalho procuramos detalhar a etnometodologia, pelo que representa hoje para a pesquisa educacional e pelos estudos e experiências já comprovadas entre os pesquisadores na área dos Fundamentos da Educação (Sociologia, Psicologia, Filosofia, etc), assim como na própria Ciência da Educação.

De modo geral, pode-se dizer, do ponto de vista epistemológico, que as ciências sociais representam o problema filosófico das relações entre o pensamento e a ação da vida social, isto é, que põe em questão a própria estrutura da objetividade, particularmente na sociologia, considerando a relação entre a consciência e a práxis, e a estrutura da consciência.

BOGDAN e BIKLEN sugerem algumas características básicas que orientam a pesquisa qualitativa, subsidiam e representam o suporte prioritário para procedimentos etnográficos. São elas:

- a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, via de regra através de um intensivo trabalho de campo;

- os dados coletados são predominantemente descritivos.⁴ Todos os dados da realidade são considerados importantes, incluindo-se as transcrições de entrevistas e de depoimentos, assim como outros tipos de documentos que comunicam informações valiosas para legitimar a investigação;

- a preocupação com o processo é muito maior que com o produto. O interesse do pesquisador está em retratar como um determinado problema se manifesta nas atividades e nas interações cotidianas;

- o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção do pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa em capturar a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas;

- a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os estudos se consolidam basicamente de baixo para cima, por isso, é dispensável hipóteses antecipadas, mesmo assim, deve existir um quadro teórico que oriente a coleta e análise dos dados.⁵

A pesquisa qualitativa envolve a descrição de dados obtidos pelo pesquisador através do contato direto com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes diante dos fatos que envolvem o contexto social, visto que suas raízes têm origem na fenomenologia, metodologia que apresenta diferentes variáveis investigativas.⁶

⁴*Descrição*: Tomamos este conceito como a ação que é dirigida a alguém e não somente como qualquer objeto possível de ser descrito.

⁵BOGDAN, R. & BIKLEN, S. K. *Qualitative Research for education*, Boston, Allyn and Bacon, Inc., 1982.

⁶*Fenomenologia*: abordagem metodológica que enfatiza os aspectos subjetivos do comportamento humano e preconiza que é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para poder entender como

A proposta etnográfica

O cotidiano escolar torna-se cada vez mais um campo privilegiado de estudos. A partir dos anos 50, o pesquisador vai buscar na convivência, nas manifestações espontâneas e nas relações que as pessoas criam no seu dia-a-dia, o movimento determinante das variáveis presentes no objeto de investigação.

Nesse sentido, faz-se necessário salientar aqui as características histórico-sociais da época, na qual verifica-se uma grande ascensão de interesses de pesquisadores para com os movimentos sociais (discriminação racial, luta pela igualdade de direitos entre outros), assim como a inquietação de pesquisadores educacionais pelas matizes do cotidiano escolar e práticas específicas da sala de aula.

O exame da vida cotidiana da escola permite elaborar também uma concepção diversa a respeito de professores e alunos, as múltiplas formas construídas e/ou tomadas a partir de modelos tradicionalmente utilizados e determinantes da postura do professor, assim como a compreensão bem mais apurada da maneira pela qual o aluno apreende a sistematização do saber escolar.

A etnografia, utilizada pela antropologia para investigações das culturas sociais, aparece como procedimento passível de adequação à pesquisas educacionais, pelo seu caráter, não só descritivo, mas capaz de permitir a compreensão dos processos educacionais. Em tais estudos, algumas das características etnográficas são utilizadas como o registro descritivo de todos os dados disponíveis no contato direto com o campo de investigação, dispensando-se alguns, como “o contato com outras culturas e amplas categorias de análise de dados”.⁷

Procurando aprofundar a compreensão sobre etnografia, Geertz diz que, para se compreender o que é ciência, é necessário olhar em primeiro lugar para as suas teorias ou descobertas e não sobre o que os apologistas dizem sobre elas, isto é, deve-se verificar o que os participantes da ciência fazem. Em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia tomada como análise antropológica de uma forma de conhecimento, que permite estabelecer relações, selecionar informações, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante.

Spradley⁸ atribui à etnografia um conceito mais elementar, dizendo ser ela a “descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo”. O que interessa ao etnógrafo na área da educação é retirar da realidade vivenciada no processo de ensino e aprendizagem, formas de interpretação da vida, para uma compreensão mais profunda em todas as variáveis que ela apresenta, quer seja na escola ou em outros locais onde a escolaridade se efetiva.

Para cumprir um roteiro etnográfico, ele propõe uma caminhada circular que inicia na delimitação do alcance da pesquisa, avança para a descoberta de indagações que vão se constatando na própria situação social estudada, analisada a partir de registros generalizados em um primeiro momento e em uma segunda observação com destaque em especificidades que determinam o objetivo do estudo. Neste momento, diz ele, inicia uma intensa interação entre o pesquisador e os sujeitos participantes.

e que tipo de sentido eles dão aos acontecimentos e às interações sociais que ocorrem em sua vida diária. (André, 1995, p.18).

⁷GEERTZ, C. *The interpretations of cultures*. Nova York, Basic Books, 1973.

⁸SPRADLEY, James P. *Participant Observation*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1980.

Sendo assim, Spradley define os procedimentos etnográficos que utiliza, caracterizando-os em dois níveis e duas instâncias: a observação participante passiva (primeiro momento) e a observação participante ativa (segundo momento); e, as entrevistas etnográficas informal e formal. O ritual aqui descrito, demonstra a necessidade de o pesquisador etnógrafo, ser capaz de ver uma situação social e transformá-la em palavras que descrevam fielmente essa realidade.

A ETNOMETODOLOGIA

Por ser este o principal foco deste estudo, embora o que foi dito até aqui seja indispensável ao contexto, a etnometodologia, corrente que surge na sociologia, vem influenciar a pesquisa qualitativa, a partir da descrição e da observação, prioritárias, à explicação qualitativa do social.

Segundo Coulon,⁹ mais que teoria constituída, a etnometodologia é uma perspectiva de pesquisa, uma nova postura intelectual, mostrando termos à nossa disposição, a possibilidade de apreender de maneira adequada aquilo que fazemos para organizar a nossa existência social.

Não deve ser considerada um ramo separado do conjunto da pesquisa em Ciências Sociais, pelo contrário, acha-se mediante múltiplas ligações com outras correntes que, como a fenomenologia, o marxismo, o existencialismo e o interacionismo, alimentam a reflexão contemporânea sobre a nossa sociedade.

Podemos dizer, então, que etnometodologia é uma expressão utilizada, não apenas para definir procedimentos adotados pelo pesquisador, mas sim definir o campo de investigação e os processos desenvolvidos pelos atores que serão estudados em seu dia-a-dia.

“ A etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar. Para os etnometodólogos, a etnometodologia será, portanto, o estudo dessas atividades cotidianas, quer sejam triviais ou eruditas, considerando que a própria sociologia deve ser considerada como uma atividade prática.”¹⁰

Coulon, aproxima-se da etnografia tomando para si o projeto científico de Garfinkel, surgido na década de cinquenta, que objetiva especificar uma teoria investigativa, cujo ponto de partida seja analisar os métodos nas mais diferentes circunstâncias da vida cotidiana, por isso, define a etnometodologia, como “ciência dos etnométodos”.

Garfinkel, toma como fontes principais de sua obra os estudos de Talcott Parsons e Alfred Schütz, autores contemporâneos, mas com itinerários diferentes. O primeiro, nascido nos EUA, desenvolveu importante obra¹¹ que veio influenciar o pensamento americano, e o segundo, imigrante, embora sem formação universitária, salvo no fim da vida, publicou muitos artigos, fez conferências, deixando a marca de suas idéias na sociologia contemporânea.

O trabalho de Parsons pela profundidade e precisão de seu raciocínio sociológico prático, até hoje traz orientações importantes quanto aos meios possíveis de interpretar os problemas de ordem social.

Parsons reabilitou a sociologia teórica de matriz européia integrando em sua teoria de ação os trabalhos de Dürkheim, Weber entre outros, tornando-se uma figura dominante na sociologia do século XX, opondo-se à corrente geral de seu tempo. Seus trabalhos foram favorecidos por reunir em seu departamento em Havard, a sociologia, a psicologia social e a antropologia, estando H. Garfinkel entre os que aí realizaram seus estudos.

⁹COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

¹⁰COULON, Alain. *Etnometodologia*, Petrópolis, Vozes, 1995, p.30.

¹¹PARSONS, T. *Eléments pour une sociologie de l'action*, Paris: Plon, 1955.

Parson se ocupa das motivações dos atores sociais, isto é, a estabilidade da vida social e sua reprodução em cada encontro com o indivíduo. Parte do pressuposto natural de que, para evitar castigos e angústias, temos a tendência de nos conformar com as regras da vida em comum. Pergunta: “Como é que acontece que respeitamos em geral essas regras da vida em comum sem refletir sequer?” Para buscar resposta a esta interrogação, ele recorre à Freud.¹²

Para melhor compreensão, é necessário voltar numa atitude retrospectiva deste estudo e verificar que o pensamento de Schütz se coloca na confluência da fase final do pensamento de Husserl, procurando discutir o problema dos fundamentos das ciências sociais.

Do ponto de vista metodológico, Husserl parte do eu, depois da relação entre as pessoas, e, finalmente, chega à comunidade. Segundo Toulemont¹³ esta unidade pode ser comparada a um organismo. A relação entre pessoa individual e pessoa coletiva pode ser comparada à da célula, sendo, portanto, um organismo composto por células.

Transferindo estas colocações para a prática social, podemos dizer que o social comporta muitos eus operantes, estando uns em função dos outros, fazendo com que cada eu, enquanto unidade simples, determine o que a soma destes fazem em conjunto.

Segundo Schütz, há uma diferença básica entre a estrutura do mundo social e a estrutura do mundo natural. Na primeira, observa-se que a sua realidade é dificilmente mensurável e que a experimentação é quase impossível; já na segunda, a medida, a experimentação e a formulação de leis expressam proposições e princípios, sem necessidade de recorrer a provas.

O primeiro trabalho de Schütz foi então, o de confrontar a fenomenologia com a sociologia de Weber, procurando descobrir a origem das categorias da consciência, próprias às ciências sociais.

Nos EUA, continuando com seus estudos na tentativa de compreender os fatos fundamentais da vida do ser humano, a interpretação de Schütz nos indica três tipos de compreensão (*verstehen*).¹⁴ Um que se mostra como forma vivida e experimentada no conhecimento cotidiano e nos afazeres humanos, outro que se coloca como problema epistemológico e o terceiro como um método particular em ciências sociais.

A primeira compreensão requer a análise do comportamento social em relação aos motivos e finalidades. A segunda (epistemológica), aquela que investiga o mundo vivido em seu plano transcendental (eidético) e, finalmente, a terceira (compreensão) como método particular das ciências sociais, retoma a investigação do mundo da vida, face às situações qualitativamente diferentes.

Com esta última colocação interpretativa de compreensão, anuncia um método sociológico, capaz de melhor compreender as ações do ser humano, sejam estas claras ou obscuras, pois de uma maneira ou de outra, nunca estará isolada ou divorciada do mundo. O importante para Schütz é a maneira pela qual os atores definem sua situação¹⁵ e sua ação.

¹² Op. COULON, A. *Curso de Extensão Universitária*. Seminário sobre etnometodologia. UFSCAR: maio, 1995.

Nota: Freud, para explicar irregularidades da vida social, evoca o decurso da educação, durante o qual todas as regras da vida em sociedade são interiorizadas pelo indivíduo, constituindo o que denomina de *super ego*. O *super ego*, comparado a um tribunal, uma vez transformado em um sistema interiorizado, governa, segundo Freud e Parsons, os nossos comportamentos e até mesmo nossos pensamentos.

¹³TOULEMONT, R. *L'essence de la société selon Husserl*. Paris, PUF, 1962.

¹⁴VAN BREDA, H. L. *Préface* (Collected papers II), p. IX (Phaenomenologica, vol. 11) The Hague, 1971.

¹⁵Situação - Expressão aqui tomada por Schütz, refere-se ao agente (ator), a seus problemas. A interpretação de uma dada situação é função da subjetividade do ator e corresponde aos elementos de sua situação biográfica.

Desta forma, com os estudos de Garfinkel, a representação simbólica emanada de diferentes linguagens, que preexistem como sistemas de referências e como recursos eternos e estáveis, através da etnometodologia vai posicionar-se de outro modo: a relação entre ator e situação não se deve a conteúdos culturais nem a regras, mas será produzida por processos de interpretação. Com este pensamento, diz ele, chegamos a um novo paradigma sociológico. A etnometodologia nos permite passar de um paradigma normativo para um paradigma interpretativo.

Garfinkel define a marca de seus estudos, por circunstâncias práticas, dada esta relevância, adota para suas investigações o exercício empírico de valorizar desde as atividades banais da vida cotidiana até os acontecimentos extraordinários. Não existe para ele diferença categorial, ou pesos e medidas, pois a análise é feita a partir do método usado pelos atores para definir e organizar suas ações, porque esta ou aquela situação ocorrem assim e não de outra maneira.

Portanto, busca-se a compreensão dos métodos de todas as práticas sociais, assim como do próprio método utilizado pelo pesquisador.

Neste ponto, explica Coulon, Garfinkel afasta-se das idéias de Dürkheim sobre os fatos sociais, não os considera realidade objetiva, mas como construções práticas do próprio indivíduo. O fato social deixa de ser um objeto estável para ser produto da atividade contínua dos homens quando estes se colocam em ações. Por isso, a importância de analisar as atividades de todos os dias como se fossem métodos que os membros da sociedade utilizam para tornar essas atividades racionais a qualquer objetivo prático.

Seu primeiro trabalho se efetua observando a maneira pela qual, em um júri, os jurados formavam juízos de valor. Para isto, faz a seguinte indagação: como podemos ser participantes de um júri, resolver sobre o verdadeiro e o falso e decidir sobre o que os outros falam, dizendo da pessoa a ser julgada, se culpada ou não? Esta foi a interrogação que serviu de alicerce a Garfinkel, utilizando a etnometodologia. Percebe que os jurados, embora afirmem realizar suas interpretações de forma científica e neguem usar o senso comum, não o fazem, nem cientificamente, nem tão no senso comum.

Parte então do pressuposto, para sua investigação, de que etno não significa fazer parte de um grupo. Só se é membro de um grupo quando dominamos a linguagem comum daquele grupo.

Estas reflexões encontram eco diante dos registros e relatos de resultados obtidos com a utilização da pesquisa etnometodológica ou mesmo de procedimentos etnográficos, utilizados para desvendar o cotidiano escolar ou mesmo outros momentos e episódios do dia-a-dia da prática social.

Podemos dizer então, que etnometodologia é o estudo científico de formas de fazer comuns que os indivíduos comuns utilizam, para bem fazer suas ações cotidianas. O problema é descobrir como os atores fazem suas coisas comuns, trazer à luz do dia o modo como os atores sociais fabricam o seu social.

A. Cicourel acrescenta aos estudos etnometodológicos outra propriedade, que ele chama de procedimentos interpretativos e que vêm trazer grandes contribuições à etnometodologia. Seus trabalhos, muitas vezes trazem a marca dos estudos de Garfinkel, porém em outros momentos podem ser atribuídos, com mais nitidez, ao pensamento de Schütz.

“ Os procedimentos interpretativos e seus traços reflexivos fornecem, em permanência, instruções aos participantes de tal modo que se possa dizer que os membros programam suas ações recíprocas à medida em que a ação se desenrola.”¹⁶

Sendo assim, torna-se um tanto difícil distinguir o interacionismo simbólico, da etnometodologia pois toma como princípio, em primeiro lugar, o ponto de vista dos atores, seja qual for o objeto de estudo, pois é através dos sentidos que eles atribuem aos objetos, às situações, aos símbolos que os cercam, a construção de seu mundo social.

Difere, portanto, de outras teorias da ordem social que pressupõem significações sociais escondidas sob o mundo das aparências fenomenais. A interação é estudada por si mesma, por isso o interacionismo tem como preocupação imediata, o mundo social visível, tal como é movido pelos atores.

O ETNOMÉTODO NA PRÁTICA EDUCACIONAL

A adequação de trabalhos etnometodológicos nas relações que se efetivam no âmbito escolar deve-se ao fato da presença de complexos rituais que regem tais relações. No cotidiano escolar, no interior da sala de aula e da aula propriamente dita em sua especificidade, existem jogos, códigos, tradições, leis e regras normatizadoras, entre outros, que se constituem em conflitos interativos entre as pessoas que compõem os grupos de professores e alunos.

Coulon, busca em Waller¹⁷ a chave para tentar explicar através do estudo etnometodológico as interações sociais que se realizam na escola, e de seus atores, uma vez que este indica como principais mecanismos as experiências empíricas dos professores. Não se trata porém, apenas de descrever tais experiências, mas de compreender cientificamente a escola e tentar pensar nos elementos necessários para conseguir uma eficácia maior dos professores.

Os conflitos culturais, inclusive os vivenciados pela escola, segundo Waller, são de duas espécies: por um lado estão aqueles que opõem os professores (representando a cultura em sentido amplo), aos alunos, que, por sua vez, estão impregnados pelos valores da comunidade; por outro lado, existem conflitos clássicos de geração entre professores e alunos, porque uns são adultos e os outros não, sendo que os adultos procuram impor sua cultura no lugar da cultura peculiar das crianças e dos jovens.

A partir dessas posições comuns, com efeito, as pesquisas em educação que se inscrevem na perspectiva interacionista apoiam-se sempre nas diversas formas de observação participante. Neste ponto, se identificam com os estudos etnometodológicos, por vezes com algumas variantes ligadas ao próprio campo de pesquisa e à natureza dos grupos estudados.

Sendo assim, Coulon define os objetivos da etnografia na linguagem do interacionismo simbólico: trata-se de descobrir o sentido que os membros do grupo social considerado dão às situações que estão enfrentando ou para a construção das quais contribuem em sua vida cotidiana.

Como para a etnometodologia é preciso que o pesquisador seja testemunha do que se dispõe a investigar, pois do contrário seu acesso será apenas aos resíduos da ação dos atores, o que parece diferir da abordagem interacionista é o abandono da atitude natural. Este procedimento, segundo Coulon, é adotar um certo estado de espírito, deixarmos-nos penetrar pelo estranhamento das coisas e acontecimentos que nos rodeiam, tentar subtraímo-nos à força

¹⁶CICOUREL A. Cognitive Sociology: Language and Meaning in Social Interaction, Nova York, Free Press, 1972, p.192. (citado por COULON, A. *Etnometodologia e Educação*, 1995, p. 23).

¹⁷WALLER W. The Sociology of Teaching, Nova York, John Wiley & Sons, 1932. (Citado por COULON A. em *Etnometodologia e Educação*, 1995, p. 63). Waler é o autor da primeira obra interacionista em educação.

da atitude natural que apresenta uma tendência constante para levar a melhor. Procedimento que significa “ver o mundo às avessas”, segundo Garfinkel, não utilizado pelos interacionistas.

Achamos interessante mencionar o trabalho de Paul Willis, pesquisa publicada com o nome de “Aprendendo a ser trabalhador/1991”. Ele diz que a metodologia por ele utilizada é a etnografia, e, após utilizá-la faz uma crítica a esse procedimento no final de seu livro sem aprofundar os comentários.

Quanto à crítica realizada por WILLIS,¹⁸ parte do pressuposto de que, mesmo com modificações na observação participante e os métodos sob a égide da pesquisa qualitativa, a descrição etnográfica é, de forma suprema, um produto da incerteza real da vida, apresentando tendências naturalistas e, portanto, tendendo para o conservadorismo. Sente também ser este método paternalista e condescendente em alguns aspectos.

No entanto, logo ele também reconhece que não podemos inventar formas de investigação para nossos estudos antes de seu tempo e é preciso abordar o real agora, de uma forma ou de outra. Portanto, a descrição etnográfica, apesar de todos os seus defeitos, registra um nível relevante das experiências e, através de seus vieses, enfatiza um nível da agência humana que é persistentemente negligenciado ou negado.

Acredita Willis também na impossibilidade de que o mundo seja diretamente conhecível, de maneira que a descrição etnográfica, embora muitas vezes não possa sugerir soluções, pelo menos poderá sempre registrar na teoria, para que esta se aposse da relevância de tais aspectos, seja julgada em relação à compreensão do fenômeno que ela pretende explicar, não em relação a si mesma.

A etnometodologia não nega as estruturas sociais, porém, permite que o ator do senso comum, não importa quem, seja capaz da objetivação e isto representa uma necessidade vital.

O importante é nos colocarmos como sociólogos no estado prático, para compreendermos o processo social no qual estamos inseridos. Em nenhum momento devemos confundir o conhecimento prático e o conhecimento científico. Há objetivações que têm a mesma natureza, mas não têm o mesmo objetivo. A questão não é fazer micro-sociologia.

Uma teoria é científica quando o grupo que a compõe assim o considera. A questão é saber se um processo é científico ou não. Podemos dizer, portanto, que objetividade se dá quando um grupo social confere o mesmo significado a um determinado momento ou objeto.

As generalizações, embora sejam realizadas, não são o ponto importante e mais expressivo neste tipo de investigação, por não serem o seu objetivo primeiro. Sua meta é descobrir partículas mínimas das particularidades das formas de fazer. Considera-se essa a melhor forma de minimizar os equívocos em análises nas ciências sociais e na educação.

Acrescenta Cicourel ser necessário jogar no futuro para poder analisar o presente. Assim, ele explica o caráter introspectivo e retrospectivo do processo, pois na medida que se tem uma interação verbal com alguém, podemos fazer uma retrospectiva.

No mundo escolar há milhares de instruções que o estudante deve seguir. Todas elas têm uma aplicação prática que se apresenta com muitos problemas.

A etnometodologia não faz a triagem entre acontecimentos previstos e não previstos. Se preocupa com a ação ou estratégias utilizadas pelos atores, por esta razão vai ao encontro das psicologias e das sociologias, principalmente da sociologia cognitiva.

¹⁸WILLIS,Paul. *Aprendendo a ser trabalhador*, Trad. Tomaz T. da Silva, Daise Batista, Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, pp. 233-234.

Fica evidente que a etnometodologia é importante para o conhecimento de culturas diferentes, mais tolerante principalmente para compreender e não entrar em conflitos com as diferenças. Já foi dito que os fatos sociais são produzidos pelos atores no interior das interrelações e no contexto. Aqui, interacionismo e fenomenologia se aproximam, embora seja levantada a crítica de que tais procedimentos, no processo etnográfico, negligenciam as estruturas sociais para uma maior valorização do sujeito que realiza a ação.

A abordagem etnográfica, quer esteja ligada à tradição interacionista ou etnometodológica, permite demonstrar, por exemplo, os processos do fracasso escolar, a orientação e seleção das práticas pedagógicas de professores na condução de suas aulas, enquanto a sociologia positivista da educação limita-se a identificar seus efeitos.

Além disto, metodologicamente ao servir-se da observação participante consegue um acesso direto ao fenômeno que pretende estudar, inserindo-se bem mais perto das realidades cotidianas dos atores do ensino e da aprendizagem.

Por isso, a “espionagem” etnográfica é uma possível solução para o problema da posição do observador diante da diversidade dos comportamentos sociais. Permite não só observá-los, mas também descobrir o que dizem os participantes a seu respeito.

Esta estratégia de pesquisa apoia-se na idéia de que:

Enquanto a sociologia tradicional vê nas situações instituídas o quadro restritivo de nossas práticas sociais, a teoria etnometodológica, fundamentalmente construtivista, valoriza, pelo contrário, a construção social, cotidiana e incessante, das instituições em que vivemos. O segredo da aglutinação social não reside nas estatísticas produzidas pelos “especialistas” e utilizadas por outros “especialistas sociais” que acabam esquecendo seu caráter reificado. Pelo contrário, o segredo do mundo social desvenda-se pela análise dos etnométodos, isto é, dos procedimentos que os membros de uma forma social utilizam para produzir e reconhecer seu mundo, para o tornar familiar ao mesmo tempo que o vão construindo. (Grifo nosso)

Referências bibliográficas:

ANDRÉ, D.A. Marli Eliza, Etnografia da prática escolar, Campinas: Papirus, 1995.

CAPALBO, Creusa, Metodologia das Ciências Sociais: A fenomenologia de Schütz, Rio de Janeiro: Antares, 1979.

COULON, A Etnometodologia e educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

COULON, A. Notas de Aula no seminário de Etnometodologia. Curso de Extensão Universitária, UFSCAR, maio, 1995.

COULON, Alain. Etnometodologia. Petrópolis: Vozes, 1995.

DARTIGUES, A. O que é a fenomenologia ? Trad. Maria José J.G. de Almeida. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

GARFINKEL, H. Studies in Ethnomethodology, Englewood Cliffs, NJ, Prentice-Hall, 1967.

GEERTZ, C. The interpretations of cultures. Nova York: Basic Books, 1973.

LÜDKE & ANDRÉ. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U. 1986.

MOREIRA, Marco Antônio. Pesquisa em ensino: o vê epistemológico de Gowin. São Paulo: E.P.U., 1990.

SPRADLEY, J. Participant Observation. New York: Holt, Rinehart and Wisnton, 1980.

TOULEMONT, R. L'essence de la société selon Husserl. Paris: PUF, 1962.

VAN BREDA, H.L. Préface (Colleted papers II) The Hague, 1971.

WILLIS, Paul, Aprendendo a ser trabalhador, Trad. Tomaz T. da Silva e Daise Batista, Porto Alegre: Artes médicas, 1991.